

**Imagem e memória:  
Édipo e a cena  
teatral porto-alegrense**

*Image and memory:  
Oedipus and the theater  
scene of Porto Alegre*

Newton Pinto da Silva  
Mestre em Artes Cênicas  
Jornalista da TVE/RS  
[newtonsilva@hotmail.com](mailto:newtonsilva@hotmail.com)

**Resumo**

Este artigo investiga a cena teatral de Porto Alegre nos anos 1980. Em especial, realiza-se a análise da peça de teatro *A Verdadeira História de Édipo Rei* (Grupo Gregos & Troianos), na tentativa de reconstruí-la por meio de seus vestígios. O principal documento de pesquisa é um vídeo, realizado pela TVE/RS, que registrou esta peça de teatro para exibição em um programa de televisão da emissora.

Palavras-chaves: Teatro – Vídeo – Documento

**Abstract**

This paper investigates the theater scene of Porto Alegre in 1980. In particular, we make an analysis of the play *The True Story of Oedipus* (Group Greeks and Trojans), in an attempt to reconstruct it through their traces. The main research paper is a video, made by TVE / RS, which recorded this play for viewing on a television broadcaster.

Keywords: Theater - Video - Document

Recebido para publicação em outubro de 2012

Aceito para publicação em dezembro de 2012

### Introdução

Gilles Deleuze, no livro *Cinema I: a imagem-movimento*, explica a noção de *conjunto* e sua relação com o *todo*. Ao analisar o conceito de enquadramento, Deleuze (1985, p. 30) afirma que enquadrar é um processo de escolha das “*partes de todos os tipos que entram num conjunto*”, ou seja, trata-se de uma opção por uma imagem que contém um fragmento de um todo. Nela, há uma parte, formada por várias outras partes, que está recortada dentro do quadro. No entanto, existe no extracampo, quer dizer, fora do recorte da imagem escolhida, uma infinidade de outros conjuntos que se relacionam (pela ausência) com o enquadramento definido. Para Deleuze, o conjunto é um “*sistema fechado*”, ou seja, é um recorte do *todo*.

Socorro-me da definição do filósofo como alerta inicial ao enquadramento que passo a realizar a partir de agora. Trata-se aqui de apresentar um recorte de minha dissertação de mestrado *Palcos da Vida: o vídeo como documento do teatro em Porto Alegre nos anos 1980*. Em especial, este artigo detalha o

espetáculo *A Verdadeira História de Édipo Rei* (1985), do Grupo Gregos & Troianos, que integra a pesquisa ao lado de outras seis montagens teatrais estreadas na capital gaúcha naquela década. A dissertação investigou os processos de produção e de experimentação teatral de grupos gaúchos a partir de registros feitos em vídeo pela TVE/RS. A emissora pública de televisão gravou diversos espetáculos teatrais que estavam em cartaz, naquele período, na cidade, para posterior exibição no programa semanal chamado *Palcos da Vida*<sup>1</sup>.

A partir da noção proposta por Deleuze, penso este recorte temático como uma *unidade* que se relaciona com o *todo*, visto, neste caso, como o sistema de produção teatral inserido no contexto artístico, cultural, social, político e econômico da década de 1980. É um enquadramento, selecionado e reconstruído a partir do olhar da pesquisa, quase três décadas depois do acontecimento cênico. Dito de outra maneira: trata-se de um conjunto (sistema fechado) que contém uma multiplicidade relacionada a outros temas (todo).

### **A cena porto-alegrense na segunda metade do século XX**

Um panorama que fale de um determinado ambiente ou contexto histórico tem suas raízes no passado do próprio acontecimento. Olhar um fato pelas lentes da história abarca diversas camadas temporais que vão do tempo do historiador (o pesquisador olha para seu objeto com a distância de quem está no futuro daquilo que passou); passa pelo tempo da ação ocorrida (o presente do momento analisado); e tem como pano de fundo as representações do passado deste mesmo episódio (seus antecedentes históricos). Em um breve histórico sobre a produção cênica de Porto Alegre, na segunda metade do século XX, pode-se destacar três períodos principais.

A primeira fase, marcada por um intenso movimento cênico e pela proliferação dos grupos de teatro amador, começa nos anos 1950 e estende-se até 1964, quando ocorre o golpe militar. Durante este período, os coletivos atuam na renovação da produção teatral da cidade, interessados na pesquisa e montagem de autores contemporâneos, inclusive da vanguarda mundial. A pressão de

intelectuais e artistas provoca a criação do Curso de Artes Cênicas (CAD) na Faculdade de Filosofia da URG<sup>ii</sup>. A falta de espaços cênicos para as temporadas mais extensas leva o grupo Teatro de Equipe a inaugurar a sua própria sala de espetáculos numa casa alugada no centro de Porto Alegre. Neste momento, surgem e atuam nomes importantes como Linneu Dias, Lillian Lemmert, Antônio Abujamra, Fernando Peixoto, Ítala Nandi, Paulo José, Paulo César Peréio e Luthero Luiz. A maioria dos diretores e atores desta geração, como em décadas anteriores (Maria Della Costa, Walmor Chagas, Carmen Silva) se transfere para o centro do país (São Paulo e Rio de Janeiro) em busca de melhores oportunidades de trabalho na área. A diáspora teatral, termo cunhado por Fernando Peixoto, refere-se a estes profissionais que deixam o Rio Grande do Sul por falta de condições de se sustentarem a partir de seu trabalho teatral.

O segundo período abrange os anos de chumbo da ditadura militar, que se inicia em 1964, passa pelo final dos anos 1960 quando é decretado o AI-5, com perseguições políticas até chegar ao final da década de 1970, quando se

inicia o processo de abertura democrática no país. São anos marcados pela censura prévia aos textos e espetáculos teatrais. Em contrapartida, atores e diretores se mobilizam através de uma produção cênica de resistência ideológica ao regime. Dois coletivos se destacam na época. O Teatro de Arena, grupo de artistas liderados por Jairo de Andrade, dá preferência à montagem de textos nacionais de caráter político e de obras clássicas de Bertolt Brecht e Peter Weiss. Eles alugam, reformam e inauguram seu próprio teatro no porão de um edifício no viaduto da Avenida Borges de Medeiros, em Porto Alegre, transformando o espaço em um símbolo de luta contra a opressão política. Já o Grupo de Teatro Província é formado por profissionais oriundos do CAD, como Luiz Arthur Nunes, Luiz Paulo Vasconcellos, Maria Helena Lopes, Graça Nunes e outros. O grupo marcou sua trajetória pela pesquisa e experimentação de linguagem de um teatro contemporâneo, aliado às experiências de Antonin Artaud, Jerzi Grotowski e Brecht.

A terceira fase começa no final dos anos 1970 e se consolida com o processo de redemocratização do país, após a ditadura militar, resultando em

múltiplas transformações no campo teatral até o final do século XX. Herdeiros de um teatro de resistência à ditadura militar, diretores e atores acrescentaram novos caminhos ao processo de experimentação cênica e da relação entre palco e plateia, em uma busca artística que responde às mudanças políticas e sociais do país naquele momento histórico. Mesmo que já houvesse sinais de renovação em momentos anteriores, intensificam-se características como diversidade estética, exploração de novas linguagens e de concepção de espaço cênico, espetáculos que se distanciam do textocentrismo, investimento em dramaturgia realizada através de improvisação e da criação coletiva e fomento da pesquisa do trabalho do ator.

### **A Verdadeira História de Édipo Rei**

A revitalização do teatro gaúcho nos anos 1980 tem como uma de suas principais características o encontro com a plateia. Diversas produções tiveram êxito de bilheteria em sucessivas temporadas. Na época, um dos primeiros espetáculos porto-alegrenses de sucesso foi *Bailei na*

*Curva*, com o Grupo do Jeito que Dá. Depois da estreia, em 1983, a peça dirigida por Júlio Conte atingiu cerca de 250 mil espectadores em quase três anos de carreira da primeira montagem. Circulou por 45 cidades e seis capitais. O grupo reunia jovens artistas, a maioria com formação no Departamento de Arte Dramática da UFRGS. Concebido a partir de improvisações, o texto mostra o cotidiano de sete crianças durante o regime militar até suas vivências com as transformações políticas da década de 1980.

Outro sucesso é o primeiro espetáculo do Grupo Gregos & Troianos, *A Verdadeira História de Édipo Rei*, que estreou em 7 de setembro de 1985, no Teatro de Câmara, em Porto Alegre. A peça permaneceu três anos em cartaz, passando por diversas salas da Capital e do interior do Estado. O autor Toninho Costa Neto realizou uma paródia de *Édipo Rei*, de Sófocles. Combinação entre tragédia e comédia, o espetáculo era uma releitura que “brincava” com elementos do clássico grego. O texto mantém o enredo e os personagens principais, mas atualiza o mito ao dialogar com a cultura contemporânea, pop e de massa, surpreendendo com um

final que rompe com a proposta do original. A pesquisadora Andrea de Roccio Souto, que examinou a forma como três autores de diferentes épocas apropriaram-se de Sófocles – Sêneca (*Édipo*), Toninho Costa Neto (*A Verdadeira História de Édipo Rei*) e Woody Allen (*Poderosa Afrodite*) –, afirma:

*Com os olhos  
voltados tanto para a modernidade  
como para a  
tradição, Costa Neto reúne  
ferramentas suficientemente  
indicativas de  
ruptura – seja em relação à  
cristalização mítica, à  
medida que Édipo deixa  
de ser punido, seja com a adequação  
literária.  
Isso porque ele escreve um híbrido de  
tragédia e  
comédia, no qual a catarse  
trágica converte-se em motivo de riso.  
Portanto, uma  
das mais importantes inovações de  
Toninho Neto  
reside justamente na  
transformação do modo e da matéria  
mítica (trágico-  
canônica) em comédia/releitura, da  
qual resulta,  
efetivamente, uma reescritura  
dos textos clássicos (SOUTO,  
2000, p. 102).*

A encenação do Grupo Gregos & Troianos jogava com os dois níveis de referências, a Grécia antiga e o mundo contemporâneo. A montagem  
**MOUSEION, n.13, set-dez, 2012, pp 136-154**  
**ISSN 1981-7207**

não se privou de acrescentar ao texto citações, gags e cacos criados durante o processo de ensaio ou no decorrer das temporadas. Muitos efeitos cômicos estavam previstos na própria dramaturgia. Na Cena 2, por exemplo, do texto de Costa Neto, disponível no anexo da pesquisa de Souto (2000), quando o personagem principal encontra a Esfinge, a rubrica diz que “*Édipo vem pela estrada, com uma mochila nas costas. É abordado pela Esfinge, uma intelectual*”. No espetáculo, o grupo traduziu as indicações de Costa Neto apresentando o jovem Édipo vestindo uma típica túnica grega. Ele aparecia à beira da estrada pedindo carona aos imaginários carros que passavam, enquanto carregava uma mochila contemporânea.

Mais adiante, no texto, é dito que o cego Tirésias tem como primeiro nome Sigmund, uma referência explícita a Freud. Na Cena 8, também no texto dramático, com o título “*Telefonema*”, Édipo e Tirésias conversam pelo telefone:

*Édipo disca, Tirésias atende.*

*Tirésias: Consultório do doutor, vidente, adivinho,*

*parapsicólogo, pai de santo e apicultor Tirésias, boa tarde.*

*Édipo: Boa tarde. Eu gostaria de falar com o doutor, vidente, adivinho, parapsicólogo, pai de santo e apicultor Tirésias.*

*Tirésias: Quem gostaria de falar?*

*Édipo: Adivinha?<sup>iii</sup>*

Diálogos rápidos e cômicos, como esse, foram entrelaçados, na encenação, com outros que não constavam do texto final do autor e com números musicais. Na Cena 1, “*Esfinge*”, Costa Neto prevê a entrada do coro que canta e dança para anunciar a chegada do viajante. Na concretização cênica, o Grupo Gregos & Troianos manteve a canção com pequenas alterações na letra original. Formado por três atores, nessa cena, o coro entrava de figurino preto, justo ao corpo, em um visual contemporâneo. A Esfinge, já em cena, segurava um chicote.

QUADRO 1 – Letra canção Cena 1 de *A Verdadeira História de Édipo Rei*

CORO (LETRA	CORO (LETRA
-------------	-------------

ORIGINAL) Fonte: texto dramático (In: SOUTO, 2000, p.2 - Anexo)	CANTADA EM CENA) Fonte: Programa do espetáculo (1985)
Lá vem mais um viajante, pobre, coitado, tem o futuro certo, está condenado. A esfinge lhe lançará um enigma, só passará se adivinhar, só passará se adivinhar.	Lá <i>vêm</i> mais <i>dois</i> viajantes Pobres, coitados <i>Têm</i> o futuro <i>incerto</i> <i>Estão fuzilados</i> A esfinge lhes lançará um enigma, Só passará <i>quem</i> <i>adivinha</i> (Grifo nosso)

As mudanças na letra da canção tinham como objetivo incluir uma cena que não existia na dramaturgia original. O texto de Costa Neto, na Cena 2, logo depois do canto do coro, previa a entrada do filho de Laios e Jocasta. No entanto, a encenação apresentava, antes disto, a Cena 1B, quando dois atores surgiam vestidos com os uniformes de Batman e Robin. Conforme pode ser visto no vídeo, a dupla do célebre seriado da televisão norte-americana da década de 1960 travava um divertido

diálogo com a Esfinge, em uma sátira à masculinidade dos heróis. Para isto, o grupo trabalhava com estereótipos do universo *gay*, sublinhando uma possível relação homossexual entre os super-heróis. É o que pode ser percebido através da decupagem do texto dito em cena pelos atores na Cena 1B de *A Verdadeira História de Édipo Rei*, conforme o documento em vídeo do programa *Palcos da Vida*.

QUADRO 2 – Decupagem do texto e câmeras Cena 1B de *A Verdadeira História de Édipo Rei*

IMAGE M	MOVIMENTO DOS ATORES	TEXTO
Câmera 2 Plano geral	Esfinge de pé, com chicote na mão, em cima de um praticável branco com dois degraus. Ela desce um dos degraus e se posiciona atenta.	Cena 1B  (Trilha sonora – vinheta trilha original seriado de tevê <i>Batman</i> ).

	Batman e Robin entram correndo de mãos dadas e circulam pelo palco.	
Câmera 3 Close da Esfinge	A Esfinge olha para a dupla.	
Câmera 1 Plano geral	Batman e Robin se deparam com a Esfinge. Robin dá um grito e ambos fogem para o fundo. Esfinge se movimenta em direção aos super-heróis e dá uma chicotada no ar. Robin pula no colo de Batman.	Esfinge: Alto lá, camaradas! <i>Esfinge,</i> <i>descendo</i> <i>do</i> <i>praticável</i> Esfinge: Aonde vão com tanta pressa. Por acaso vão pagar alguma promessa?  Robin: Batman, santa
FIM DA CENA	Batman solta Robin. Ele puxa Robin	

	pelas mãos até o centro do palco.	armadilha. A Mulher Gato nos pegou. Batman: Ai, Robin. Não é a
	Esfinge caminha até Batman e fica face a face com o herói.	Mulher Gato, Robin. Claro que não. É a Esfinge.
	Robin se afasta e caminha em direção ao fundo do palco, ficando de costas.	Mas não esquento Menino Prodígio. Assim que nós chegarmos a <i>Cadman City</i> , eu vou procurar o comissário Gordon. Esfinge: Tolice. Não pensem que meu



		enigma será barbada, não. Não me confunda m com a besta do Saara.  Robin (brabo): Todo de bat-lance com ela, não é bobalhão?
--	--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Extrato de uma decupagem da Cena 1B de *A Verdadeira História de Édipo Rei*, feita a partir da gravação do *Palcos da Vida* (1988). No programa da TVE/RS, a cena foi editada até a última movimentação do personagem Robin. O modelo de decupagem foi inspirado na tabela apresentada por Odette Aslan (2005, pp. 235-242) no livro *O ator no Século XX: evolução da técnica, problema da ética*, no subcapítulo *Rádio – Cinema – Televisão: sua especificidade*.

A citação dos heróis do seriado da televisão, logo no início do espetáculo, dava ao público o tom cômico do entrelaçamento de informações do clássico com a cultura de massa. Apesar de pequenas mudanças na dramaturgia, muitas delas realizadas ao longo da carreira do espetáculo, o texto original conduzia a totalidade da encenação.

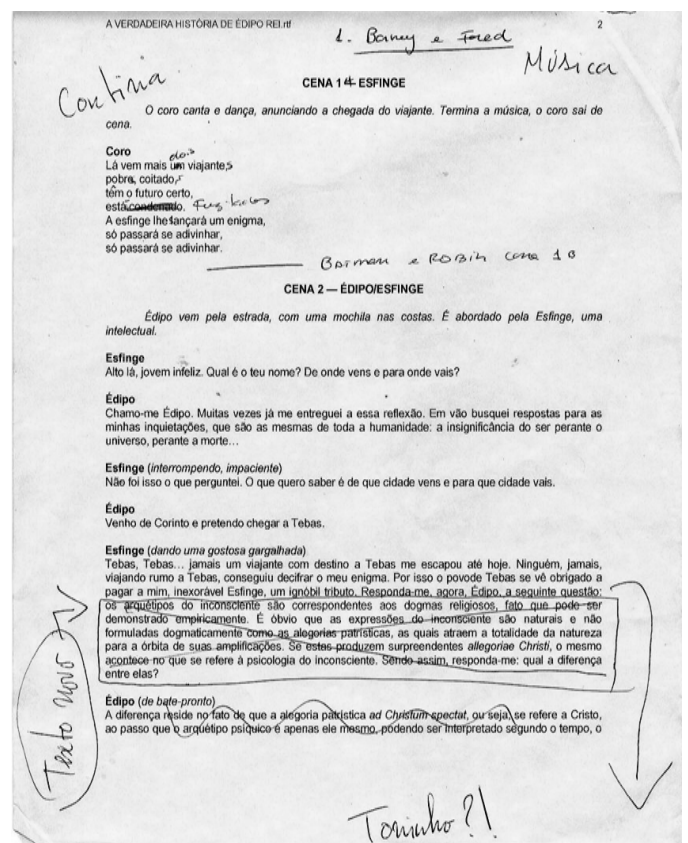


FIGURA 1 – Anotações realizadas pelo ator e diretor Oscar Simch na página 2 da cópia do texto de *A Verdadeira História de Édipo Rei*, utilizado pelo

grupo nos ensaios. Pode-se notar a inclusão, à caneta, da cena 1B – Batman e Robin. Fonte: Acervo do ator Oscar Simch.

Como explica Souto, a paródia de Costa Neto vai além do que poderia ser uma comédia sem maiores preocupações de conteúdo. A pesquisadora afirma que o cômico da peça deriva do jogo intertextual proposto pelo autor, em especial, nas conotações psicanalíticas do texto por meio de referências freudianas ao complexo de Édipo.

*A Verdadeira História de Édipo Rei remete-nos à intensificação do híbrido, no que diz respeito à própria forma, no entrecruzamento do mito – trágico por si só, aliás – com os procedimentos psicanalíticos, intertextualizando, interdisciplinarizando e construindo, em nossa leitura, uma tragicomédia em que os traços tanto trágicos como cômicos fundamentais se estilham: a ironia, as personagens algo caricaturais e o grotesco combinam-se à busca da identidade, à busca do destino, à intervenção do coro e ao conflito pessoal que reforçam a tragicidade nos intertextos de que o*

*autor brasileiro se apropria (SOUTO, 2000, p. 103).*

A encenação, como pode ser observado no vídeo da TVE/RS, fez outras citações da cultura de massa. Antes de ser aclamado como rei de Tebas, Édipo corria em câmera-lenta até subir em um pódio para comemorar sua vitória frente à Esfinge, parodiando uma propaganda de um refrigerante, sucesso na televisão da época. Além disso, em 1987, dois anos após a estreia da peça gaúcha, a Rede Globo apresentou a novela *Mandala*, inspirada em *Édipo Rei*, de Sófocles. A montagem gaúcha não perdeu a oportunidade de satirizar, no palco, a produção global. Exemplos como estes demonstram a vinculação estética da encenação com o universo massivo, ou seja, a televisão era fonte de inspiração para a representação proposta pelo grupo. O recurso colocava o espectador em uma zona de identificação, rindo de suas próprias referências da cultura de massa.

Ainda há mais um aspecto que deve ser destacado em *A Verdadeira História de Édipo Rei*. Em algumas cenas, havia frases pinçadas da tragédia grega que reforçavam ações e conflitos.

De acordo com o ator Zé Victor Castiel, a presença de fragmentos de Sófocles, na encenação, não era percebida pela maioria do público, que, sem reconhecer o texto original, ria do trágico como se fosse cômico.

*Na nossa peça, A Verdadeira História de Édipo Rei, nós temos cenas inteiras com a linguagem usada pelo Sófocles. E ipsis litteres. E as pessoas morrem de rir. Elas nem podem imaginar que nós estamos oferecendo, a elas, passagens inteiras da tragédia de Sófocles. Elas ouvem o texto de uma cena inteira, morrem de rir, e não sabem que aquilo, se abrirem o Édipo Rei quando chegarem em casa, tiverem oportunidade de abrir o livro, vão dizer: não, mas espera um pouquinho, isso aqui está tudo no livro e é verdade. Só que, da maneira como é contada, fica muito bem-humorada (CASTIEL, 1988).*

E, caso o espectador realmente abrisse o livro com a obra de Sófocles, depois de ver o espetáculo, logo na primeira cena da tragédia *Édipo Rei*, iria encontrar alguns pontos de similitude aos quais se refere Castiel. A título de exemplo foi realizado abaixo um quadro comparativo entre um fragmento de

Sófocles (tradução de Paulo Neves), com o texto de Toninho Costa Neto e a encenação de Gregos & Troianos, registrada pelo programa *Palcos da Vida*.

QUADRO 3 – Comparação textual de *A Verdadeira História de Édipo Rei*

ÉDIPO REI Autor: Sófocles (2008, pp. 5-6), com tradução de Paulo Neves.	A VERDADE IRA HISTÓRIA DE ÉDIPO REI Autor: Toninho da Costa Neto (In: SOUTO, 2000, p.7, Anexo).	A VERDADE IRA HISTÓRIA DE ÉDIPO REI Autor: Toninho da Costa Neto. Encenação: Grupo Gregos & Troianos. Transcrição do texto dito em cena, a partir da gravação do espetáculo pelo programa <i>Palcos da Vida</i>
-------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		(1988).	<i>sacerdote</i>	apareçai.	<i>O coro de</i>
			<i>de Zeus.</i>	Ai, ai, ai...	<i>suplicantes</i>
			ÉDIPO:	Édipo,	<i>se forma</i>
			<b>Filhos,</b>	apareçai.	<i>com os</i>
			jovem	ÉDIPO:	<b>atores</b>
			linhagem	Aparecei.	<b>ajoelhados</b>
			de nosso	Meus	<i>de costas</i>
			velho	<b>filhos,</b>	<i>para o</i>
			Cadmo,	filhos de	<i>público em</i>
			<b>que</b>	Tebas. <b>Que</b>	<i>semicírculo.</i>
			<b>fazeis aí</b>	<b>motivo tão</b>	<i>Édipo sobe</i>
			<b>de</b>	<b>forte faz</b>	<i>em um dos</i>
			<b>joelhos,</b>	<b>com que</b>	<i>cubos. De</i>
			<b>piadosam</b>	<b>uma turba</b>	<i>frente para</i>
			<b>ente</b>	<b>se reúna</b>	<i>o público,</i>
			<b>ornados</b>	<b>em frente</b>	<i>ele fica em</i>
			<b>de ramos</b>	<b>ao meu lar</b>	<i>um nível</i>
			<b>suplicant</b>	num	<i>mais alto</i>
			<b>es?</b> Por	domingo à	<i>que os</i>
			toda a	tarde?	<i>suplicantes</i>
			cidade há	(falando	<i>na “porta”</i>
			nuvens de	para o	<i>do palácio</i>
			incensos e	<i>sacerdote</i>	<i>real.</i>
			cantos	<i>que está ao</i>	SUPLICAN
			misturado	<i>seu lado)</i>	TES: <b>Ai, ai,</b>
			s de	<b>Vamos,</b>	<b>ai... Édipo,</b>
			lamentos.	<b>ancião,</b>	<b>apareçai.</b>
			Julguei	<b>explica-te!</b>	<b>Ai, ai, ai...</b>
			assim não	<b>Por tua</b>	<b>Édipo,</b>
			poder	<b>idade</b>	<b>apareçai.</b>
			deixar a	<b>convém</b>	ÉDIPO:
			outros a	<b>que sejam</b>	<b>Aparecei.</b>
(INÍCIO	CENA 7 –	CENA 7 –			
DA	OS	OS			
TRAGÉD	SUPLICAN	SUPLICAN			
IA)	TES	TES			
<i>Diante do</i>	<i>Em frente</i>	<i>Édipo está</i>			
<i>palácio</i>	<i>ao palácio</i>	<i>em cena.</i>			
<i>de Édipo.</i>	<i>real, numa</i>	<i>Atores</i>			
<i>Um grupo</i>	<i>espécie de</i>	<i>vestidos</i>			
<i>de</i>	<i>praça,</i>	<i>com túnica</i>			
<i>crianças</i>	<i>estão os</i>	<i>entram em</i>			
<i>está</i>	<i>suplicantes,</i>	<i>cena</i>			
<i>ajoelhado</i>	<i>todos</i>	<i>mancando,</i>			
<i>nos</i>	<i>ajoelhados,</i>	<i>exagerando</i>			
<i>degraus</i>	<i>chamando</i>	<i>dores pelo</i>			
<i>da</i>	<i>pelo rei.</i>	<i>corpo.</i>			
<i>entrada.</i>	<i>Édipo</i>	<i>Enquanto</i>			
<i>Cada uma</i>	<i>aparece</i>	<i>arrumam</i>			
<i>tem na</i>	<i>pela porta</i>	<i>objetos</i>			
<i>mão um</i>	<i>principal.</i>	<i>cenográfico</i>			
<i>ramo de</i>	<i>Junto com</i>	<i>s, gritam</i>			
<i>oliveira.</i>	<i>Édipo, vem</i>	<i>em</i>			
<i>De pé, no</i>	<i>o sacerdote.</i>	<i>lamentos</i>			
<i>meio</i>	SUPLICAN	“Ai, ai, ai...”			
<i>delas,</i>	TES: Ai, ai,	<i>Édipo</i>			
<i>está o</i>	ai... Édipo,	<i>apareçai”.</i>			

<p>                 tarefa de                  ouvir                  vosso                  apelo,                  vim eu                  mesmo,                  meus                  filhos, eu,                  Édipo,                  cujo                  nome                  ninguém                  ignora.                  Vamos,                  ancião,                  explica-                  te. És a                  pessoa                  indicada                  para                  falar em                  nome                  deles. A                  que se                  deve                  vossa                  atitude?                  A qual                  temor ou                  a qual                  desejo?                  Fala,             </p>	<p> <b>porta-voz</b>  <b>de todos</b>  <b>eles. Por</b>  <b>que essas</b>  <b>súplicas?</b>  <b>Que receio</b>  <b>tendes?</b>  <b>Que</b>  <b>quereis? Se</b>  <b>viestes até</b>  <b>mim, ó</b>  <b>turba</b>  <b>suplicante,</b>  <b>agora falai.</b>  <b>Tudo farei</b>  <b>para vos</b>  <b>ajudar.</b>  <b>Áspero</b>  <b>coração</b>  <b>seria o</b>  <b>meu, se</b>  <b>com toda a</b>  <b>atenção</b>  <b>não voz</b>  <b>escutasse.</b> </p>	<p> <i>(Com</i>  <i>sotaque</i>  <i>nordestino)</i>  <b>Tebanas e</b>  <b>tebanos.</b>  <i>(Ouvem-se</i>  <i>risadas do</i>  <i>público.</i>  <i>Édipo volta</i>  <i>a falar sem</i>  <i>sotaque)</i>  <b>Que</b>  <b>motivo tão</b>  <b>forte faz</b>  <b>com que</b>  <b>uma turba</b>  <b>se reúna</b>  <b>em frente</b>  <b>ao meu lar</b>  <b>num</b>  <b>domingo à</b>  <b>tarde, bem</b>                  na hora do                  Magaiver?  <i>(Novas</i>  <i>risadas do</i>  <i>público)</i> Se                  por um                  acaso                  vindes para                  assistir ao                  show da             </p>	<p> <b>estou</b>  <b>pronto,</b>  <b>se puder,</b>  <b>a vos</b>  <b>prestar</b>  <b>todo o</b>  <b>meu</b>  <b>auxílio.</b>  <b>Eu seria</b>  <b>insensível</b>  <b>se não</b>  <b>me</b>  <b>apiedasse</b>  <b>de vê-los</b>  <b>assim de</b>  <b>joelhos.</b> </p>	<p>                 Buxunda,                  não percais                  vosso                  tempo, que                  bem sei é                  precioso.                  Esse show                  foi                  transferido  <i>sine die.</i>  <i>(Suplicante</i>  <i>s gritam)</i>                  Alto! Não                  vos                  lamentai,                  povo meu.                  Se por                  acaso eu,                  Édipo rei,                  ouvir vosso                  rogatório,                  providencio                  imediatame                  nte o show                  que                  quiserdes.  <i>(Aplauso</i>  <i>dos</i>  <i>suplicantes)</i>                  Sara Jane e                  suas                  rodinhas.             </p>
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		<i>(Corte da cena). O final não está registrado no documento em vídeo.) Entra depoimento do ator Betho Mênaco.</i>
--	--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Grifo nosso. Em negrito, estão os conteúdos textuais semelhantes. Na terceira coluna, que transcreve a gravação do programa *Palcos da Vida*, a descrição da movimentação cênica dos atores e da reação do público (risadas) foi realizada a partir da imagem e do som do documento em vídeo.

No quadro acima, é possível constatar semelhanças entre trechos de *Édipo Rei*, de Sófocles, o texto *A Verdadeira História de Édipo Rei*, de Toninho Costa Neto e a encenação dirigida por Oscar Simch. As cenas se iniciam com um grupo de tebanos ajoelhados diante do palácio real, com presença de Édipo e de um sacerdote. O

rei tebano mostra-se preocupado com a manifestação pública e solicita esclarecimento ao sacerdote. Em uma análise sem pretensão de profundidade, mas que dê conta de uma comparação entre estes fragmentos da tragédia e da paródia, encontram-se justapostos, além dos pontos análogos, conteúdos desenvolvidos de maneira diferente. Por exemplo, enquanto Sófocles indica que o personagem em cena com Édipo é um “sacerdote de Zeus” (ou de Júpiter, de acordo com outros tradutores), Costa Neto suprime esta informação a fim de deslocá-lo para a figura de um religioso contemporâneo, aparentemente do universo católico. Na encenação de Gregos & Troianos, conforme pode ser observado no registro em vídeo da TVE/RS, o sacerdote (Oscar Simch) vestia túnica grega, acrescida de acessórios que remetiam ao figurino utilizado por padres e bispos católicos.

Outra diferença que se destaca no confronto entre os textos é que, no original de Sófocles, a cena dos suplicantes é o início da tragédia, enquanto Costa Neto colocou a mesma ação em sua cena de número sete. Isto é, Sófocles começa seu enredo com Édipo já empossado como rei e casado com

Jocasta. A elipse temporal no original grego, com a omissão dos fatos que culminaram no trágico destino – a saber, matar o pai e casar com a mãe – era possível porque “os espectadores atenienses conheciam o mito, não era necessário que lhes fosse apresentado” (SZONDI, 2001, p. 38).

Entretanto, Costa Neto não podia esperar o mesmo (conhecimento total do mito grego) do público contemporâneo. Desta forma, ele inseriu na trama, de forma cômica, porém, didática, as circunstâncias anteriores que desencadearam a ação (Cena 1 até Cena 7 da paródia). Ocorre ainda que, na transposição da página ao palco, o texto do dramaturgo gaúcho recebeu intervenções, feitas pelo Grupo Gregos & Troianos, que o modificaram. Deste modo, três anos após a estreia, quando o espetáculo foi gravado pela TVE/RS, em 1988, a mesma cena tinha sido, ao longo da trajetória da montagem, transformada (quadro comparativo acima).

Como o vídeo não exhibe esta cena até o seu final, a análise fica prejudicada parcialmente. Contudo, com base na fração que ficou registrada pelo *Palcos da Vida*, percebe-se que a

encenação manteve a ação cênica principal, com Édipo indo ao encontro do povo que suplicava em frente ao palácio. Além disso, fica evidente a incorporação dos “cacos” e *gags* à peça de Costa Neto, novamente com citações do universo televisivo, midiático e da sociedade de consumo, em uma leitura debochada e sarcástica. Em termos estruturais, o entrelaçamento das falas criadas pelo grupo com o texto original não se distancia da proposta do autor, que gravita, também, em torno da cultura pop.



FIGURA 2 – (Frame) Luiz Emilio Strassburger (esquerda), Pilly Calvin (centro) e Antônio Carlos Falcão (direita) em *A Verdadeira História de Édipo Rei*. Fonte: Programa *Palcos da*

*Vida: A Verdadeira História de Édipo Rei.*

A *mise en scène* de Gregos & Troianos era simples, com palco nu e a proposta de trabalhar com a imaginação criativa do espectador. O grupo utilizava poucos elementos cenográficos e criava as ambientações através do deslocamento e agrupamento de cubos brancos. A encenação concentrava-se na relação palco-plateia, com foco no jogo lúdico dos atores e na espontaneidade da representação. Claudio Heemann (2006, p. 167) afirma que o espetáculo atingiu uma comunicação direta com o grande público, “*com olho na comédia musical norte-americana, uma pitada de sal grosso, piadas e pique de teatro de revista*”. Em texto publicado no jornal Zero Hora, em 13 de setembro de 1985, o crítico acrescenta que *A Verdadeira História de Édipo Rei* está “*muito bem articulada como teatro burlesco. Conseguir casar em soluções agradáveis o sentido de paródia brincalhona e debochada com a descontração do musical*”.

É o que se pode perceber, por exemplo, na última cena, com o título *Divina Concupiscência*. Nela, os

comediantes cantavam e dançavam a música de encerramento do espetáculo cuja letra exaltava o final feliz de Édipo e Jocasta. Os versos escritos por Toninho Costa Neto, com música de Néstor Monasterio e arranjo do maestro Chico Ferreti, celebravam o amor livre, conforme documenta o programa impresso do espetáculo.

*Faça amor, faça  
amor  
seja lá com  
quem for,  
seja rei, seja  
rainha,  
faça amor com  
a madrinha,  
mas faça amor.  
Faça amor, faça  
amor  
seja lá com  
quem for,  
mesmo que seja  
parente,  
faça amor bem  
contente  
e esqueça o  
pecado.  
[...]*



*Faça amor, faça  
amor,  
transe tudo em  
família,  
o menino vai  
com a mãe,  
o papai fica  
com a filha.  
... repete...*

Por fim, *A Verdadeira História de Édipo Rei* é “farsa”, diz o texto impresso no programa do espetáculo, distribuído ao público antes do início de cada apresentação. O termo foi utilizado com duplo sentido. De uma parte, significando o gênero dramático cômico conhecido como “farsa”. De outra, jogando com a sonoridade que aproxima o substantivo “farsa” do adjetivo “falsa”. O texto, atribuído ironicamente ao trágico grego Eurípedes, rival de Sófocles, sublinha que o resultado da encenação foi a criação de um Édipo “*sem culpa, de uma Jocasta despidorada, um coro esquizofrênico, um adivinho psicanalista, ou vice-versa, um Creonte obcecado pelo poder, enfim, uma terrível comédia ou uma farsa tragédia grega*”.

### **Considerações finais**

A pesquisa que deu a origem a esse artigo privilegiou a reconstrução de aspectos estéticos e de produção de sete espetáculos apresentados na segunda metade da década de 1980 em Porto Alegre. Como sugere Pavis (2005), de posse dos documentos que originaram a investigação, procedeu-se uma *análise-reconstituição* de encenações do passado, a partir de seus indícios, vestígios e rastros. Os registros audiovisuais encontrados no arquivo da TVE/RS foram decompostos em unidades temáticas, cruzados com outras bases documentais que fixaram materialmente aquela cena e explorados com a proposta de restituir parte da experiência estética que teria sido experimentada pelo público da época.

Partindo de exemplos específicos para mapear um panorama mais abrangente, constatou-se que o campo teatral estudado, ou seja, o final dos anos 1980, na capital gaúcha, caracterizava-se pelo convívio de diversas formas cênicas, desde espetáculos marcadamente voltados para um grande público até propostas

estéticas experimentais e de pesquisa de linguagem. Esta pluralidade da cena pode ser verificada por meio da variedade de repertório, do hibridismo de gêneros, da utilização de espaços não convencionais para apresentação dos espetáculos e da busca pela construção de um mercado efetivo para os trabalhadores das artes cênicas, através da profissionalização dos mecanismos de produção e do investimento em temporadas fora das fronteiras do Rio Grande do Sul.

O retrato proposto neste artigo não teve uma ambição totalizadora. Ele é vinculado às condições de criação, produção e recepção teatral em um contexto específico, ou seja, a pesquisa realizada pelos artistas e outros profissionais envolvidos no fazer artístico e suas visões sobre o campo teatral. São fragmentos de imagens e discursos que, expostos à interpretação, iluminam tendências, atitudes e significados. São testemunhos de processos de criação, linguagens, formas de atuação e de contato com o público na recepção da obra. Entretanto, como diria Deleuze, enquanto recorte temático se movimenta em direção ao todo.

## REFERÊNCIAS

- A Verdadeira História de Édipo Rei. Texto de Toninho Neto. Direção, cenário e montagem do Grupo Gregos & Troianos. Atuação: Antonio Carlos Falcão, Betho Mônaco, Cláudia Meneghetti, Luiz Emilio Strassburger, Oscar Simch, Pilly Calvin e Zé Victor Castiel. Elenco em substituição: Júlio Conte, Vera Bertoni e Xala Felipe. Músicas: Néstor Monasterio. Adereços: Gregos & Troianos e Arno Sérgio Hörlle. Coreografias: Maria Helena Campani Penz. Produção: Andrômeda Produções e Opus Promoções. Divulgação: Viva Produções. Porto Alegre, 1985.
- A Verdadeira História de Édipo Rei. Programa impresso do espetáculo. Porto Alegre, 1985.
- ASLAN, Odette. **O ator no Século XX: evolução da técnica, problema da ética.** São Paulo: Perspectiva, 2005.
- BARDIN, Laurance. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 2009.
- CASTIEL, Zé Victor. A Verdadeira História de Édipo Rei. Porto Alegre, 1988. Entrevista ao Programa Palcos da Vida, da TVE/RS.

CONTE, Júlio...[et al.]. **Bailei na curva**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.

DELEUZE, Gilles. **Cinema 1: a imagem-movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

HEEMANN, Claudio. **Doze anos na primeira fila: críticas selecionadas pelo autor**. Porto Alegre: Alcance, 2006.

KILPP, Suzana. **Os cacós do teatro: Porto Alegre, anos 70**. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1996.

PEIXOTO, Fernando. **Um teatro fora do eixo - Porto Alegre: 1953-1963**. São Paulo: Editora Hucitec, 1993.

PROGRAMA Palcos da Vida: A Verdadeira História de Édipo Rei. Porto Alegre, 1988. TVE/RS. Produção: Margarete Noé. Direção de imagens: Miguel Pinto. Supervisão geral: Marilourdes Franarin.

SÓFOCLES. **Édipo Rei**. Porto Alegre: L&PM, 2008.

SOUTO, Andrea do Roccio. **Édipo Rei, do palco à tela: reescrituras**. Dissertação. (Mestrado em Letras). Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Letras - UFRGS, julho de 2000.

SZONDI, Peter. **Teoria do drama moderno (1880-1950)**. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

VASCONCELLOS, Luiz Paulo. Anotações para uma história do teatro gaúcho. In: Revista Sete Palcos, Nº 3, teatro brasileiro. Coimbra: Cena Lusófona, set. 1998, pp. 35-42.

---

<sup>i</sup> Os documentos do programa *Palcos da Vida*, que integram o *corpus* de pesquisa, apresentam cenas das peças e depoimentos de atores e diretores. A dissertação de mestrado lançou um olhar sobre aquele momento histórico e, por meio das gravações, ressaltou a importância do vídeo como documento do teatro. Foram enfocados os espetáculos *A Mãe da Miss e o Pai do Punk* (direção de Luiz Arthur Nunes), *A Verdadeira História de Édipo Rei* (Grupo Gregos & Troianos), *Escondida na Calcinha* (direção de Patsy Cecato), *Império da Cobiça* (Grupo TEAR), *O Ferreiro e a Morte* (Grupo Teatral Face & Carretos), *Ostal* (Tribos de Atuadores Ói Nós Aqui Traveiz) e *Tangos e Tragédias* (de Hique Gomez e Nico Nicolaiewsky).

<sup>ii</sup> Atual Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O CAD hoje é o Departamento de Arte Dramática (DAD), vinculado ao Instituto de Artes.

<sup>iii</sup> Trecho do texto dramático de Toninho Costa Neto. In: SOUTO, 2000, p. 12, anexo.